

Santana prevê situação normalizada em 3 meses

Arraes não deixa vice do PMDB

Recife — A Secretaria de Imprensa do Palácio do Campo das Princesas informou, ontem, oficialmente, que o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, decidiu não renunciar à 2ª vice-presidência nacional do PMDB e que só deixará o posto se a executiva nacional do partido, que se reunirá ainda esta semana, decidir por mudanças na direção partidária.

O secretário de Imprensa, Luis Ricardo Leitão, afirmou que Arraes entende que a Lei Orgânica dos Partidos, que prevê a renúncia à direção daqueles filiados eleitos para cargos executivos, é antiquada e foi votada nos tempos do regime autoritário para enfraquecer o quadro partidário.

O governador Miguel Arraes estava disposto a não se afastar da 2ª vice-presidência nacional do PMDB desde a sua eleição mas só revelou isso implicitamente em entrevista concedida no início do ano. Na época colocou sob suspeita a Lei Orgânica dos Partidos, pediu sua revisão mas deixou em aberto se manter-se-ia no posto. Falou de um modo geral, sem adiantar sua posição pessoal sobre o caso. Um mês depois um dos seus aliados, o prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos, defendeu o mesmo.

A um dos seus assessores o governador adiantou ontem que não vê incompatibilidade entre a função de governador e a ocupação da 2ª vice-presidência nacional do PMDB. Alegou que poderia haver problema se estivesse na presidência pois não teria tempo para tocar a administração do estado e o partido. Na 2ª vice ele acha que a permanência do governador tem mais um efeito de referência ideológica pois ele só é acionado nas reuniões nacionais. A direção mesmo é comandada pelo presidente e por seu gabinete.

Quem estiver esperando do governador pernambucano uma definição sobre a continuidade de Ulysses Guimarães na presidência do PMDB está perdendo tempo. Ricardo Leitão adiantou que Arraes acha que Ulysses é que deve decidir se há possibilidade material de continuar nas três funções que ocupa ou não. Alega que o partido elegeu Ulysses para os três cargos e se o fez entendeu que ele teria condições de atender a todos os postos. Agora seria negar a eleição batalhar pela sua saída; sem antes ouvir o que tem a dizer.

Jânio perde confiança de paulistanos

São Paulo — Depois de exigir um atestado de sanidade mental do prefeito Jânio Quadros, o vereador Walter Feldman (PMDB) divulgou ontem o resultado de um plebiscito questionando a população sobre a permanência de Jânio na chefia da capital: de um total de 57 mil 228 eleitores consultados, uma maioria de 93,2% rejeita seu retorno — que está no exterior — enquanto apenas 6,2% se manifestaram favoráveis.

Embora o plebiscito não posua nenhum respaldo legal, o Walter Feldman afirmou que seu resultado é sintomático: "O janismo morreu, está definitivamente sepultado", disse, acrescentando que, "se em 1961 a renúncia de Jânio desesperou milhões de brasileiros, hoje esta renúncia é a esperança de milhares de brasileiros". Para Feldman, a rejeição do eleitorado a Jânio também pode significar uma forma definitiva de repúdio ao populismo.

A consulta do vereador Walter Feldman teve como objetivo conhecer o sentimento da população a respeito do desempenho do prefeito e alertar os constituintes "sobre a necessidade de mecanismos na Constituição garantindo a soberania da vontade popular".



Líder do governo continua defendendo mandato de 6 anos

Pés cansados



A audiência era com o empresário gaúcho Luiz Carlos Mandelli, mas, de repente, os fotógrafos e cinegrafistas presentes ao gabinete do presidente descobriram uma novidade. José Sarney, estava descalço. Um dos seus sapatos estava afastado do pé esquerdo; este, numa posição de quem procura descansar ou mesmo relaxar de uma grande tensão. Imediatamente câmaras dispararam em busca da imagem, enquanto assessores de Sarney disparavam emissários para evitar a publicação.

Notando que não iriam conseguir, os assessores preferiam dar as causas. Assim, Frota Neto, secretário de Imprensa, distribuiu nota onde esclarece que o presidente estava com um quadro de desconforto na planta do pé esquerdo, que foi submetido a exames radiográficos e constatada a presença de um esporão do calcâneo, de caráter insignificante. O exame é do médico Messias Araújo e foi realizado no intervalo do almoço. O presidente não toma medicamentos.

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Santana, saiu ontem da audiência com o presidente Sarney fazendo algumas previsões. Para começar, previu que até maio estará firmado o acordo político entre o PMDB, o PFL e outros partidos que pretendam participar do entendimento, estabelecendo a duração do mandato do presidente Sarney. Pessoalmente, o líder da maioria acha que prevalecerá o prazo de seis anos, previsto na atual Constituição.

Carlos Santana também previu que dentro de três ou quatro meses a situação econômica do país estará normalizada e o presidente voltará a contar com o apoio popular que teve na implantação do Plano Cruzado. Mas o deputado acha que nos estados por onde o presidente Sarney tem passado a recepção do povo sempre é boa.

Mas não foi para tratar de nenhum desses assuntos que o líder esteve ontem com o presidente Sarney. Ele disse que conversou com o presidente sobre o momento político e sobre o trabalho de articulação que vem realizando na Câmara. O presidente, por sua vez, de acordo com Santana, fez alguns comentários sobre a reunião de sábado com empresários paulistas: "Muito boa, tanto no aspecto econômico quanto no político, diante do clima de abertura e franqueza". Críticas ao ministro Dílson Funaró, da Fazenda, segundo Carlos Santana, não devem ter ocorrido durante a conversa na fazenda do empresário Mathias Machline. Pelo menos o presidente Sarney, conforme afirmou, não lhe falou nada disso.

Dois tempos

Carlos Santana disse existir dois tempos para o mandato presidencial. O tempo Constituinte (duração das comissões até a promulgação) e o tempo político, que deve ser um acordo entre os partidos, para garantir a definição do mandato, antes das viagens internacionais do presidente, numa maneira de fortalecimento para as negociações internacionais.

A presença de Carlos Santana no Planalto é fato normal, mas suas declarações o aproximam a cada momento das posições do PFL e o afastam do PMDB, que, por exemplo, tem se manifestado a favor de um mandato menor para o presidente José Sarney. As divergências de Santana passam, também, pela escolha de Mário Covas para líder da Constituinte, que logo no primeiro momento deixou claro não admitir a interferência do governo nas decisões do PMDB na Constituinte.

Santana ouviu e hoje disse que não vai interferir, mas vai cumprir seu papel e mostrar que exerce, de verdade, uma liderança. Enquanto isso, a posição do PMDB em não dar para o PFL a primeira secretaria da Constituinte, parece não agradar Santana, que defende a manutenção da Aliança Democrática, diz acreditar em acordo até a última hora e, por fim, acha que se houve realmente um acordo entre Luiz Henrique e José Lourenço, o PMDB deve cumprir.

Brossard faz críticas ao jornal Times

Porto Alegre — O ministro da Justiça, Paulo Brossard, considerou "injuriosa" às Forças Armadas Nacionais a previsão, em editorial do jornal americano New York Times, de que o país estaria na iminência de um golpe militar. "As forças armadas tem sido exemplares na difícil fase de transição que a nação atravessa", afirmou o ministro em seu artigo semanal publicado pelo jornal Zero Hora. "Em nenhum momento eles faltaram um milímetro ao compromisso nacional concebido pelo saudoso presidente Tancredo Neves e processado de maneira impecável pelo presidente José Sarney."